

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TIJOLOS E ESPELHOS – O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)
PARTE I – ANTES DA REVOLUÇÃO
6 e 24 de Fevereiro de 2023

FARYADE NIMESHAB / 1961
(“O Choro da Meia-Noite”)

Um filme de Samuel Khachikian

Realização e Argumento: Samuel Khachikian / Direcção de Fotografia: Enayatallah Famin / Direcção Artística: Valliolah Khakdan / Som: Rubik Mansuri / Montagem: Samuel Khachikian / Interpretação: Armais Vartani Hovsepian (Afshar), Parvin Ghaffari (Zhila), Mohamad Ali Fardin (Amir), Vida Gahremani (Mehri), Akbar Khajavi, Nasser Khourechian, Toros Pesthmalchian, Toni Amadoni, etc.

Produção: Misaghye Studio / Produtor: Mehdi Misaghye / Cópia digital (dcp), preto e branco, falada persa com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 114 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Vamos nesta sessão para algo de completamente diferente, ou pelo menos algo de bastante desconhecido: cinema iraniano popular, clássico, em lógica de “género” e a partir de modelos narrativos importados do cinema americano (como se diz na nota do jornal mensal da programação, **Faryade Nimeshab** é um “remake”, ou se não tanto, um filme fortemente inspirado no célebre **Gilda** que Charles Vidor dirigiu em 1946 para glória de Rita Hayworth).

Ao leme, Samuel Khachikian (1923-2001), que hoje encarna, ao menos na obra sobrevivente (vários filmes seus perderam-se), essa ideia de um cinema iraniano clássico e popular. Khachikian era de origem arménia, filho de pais refugiados do genocídio arménio (e na ficha técnica do filme há vários outros nomes de sonoridade arménia), como informa Ehsan Koshbaksht em artigo sobre o realizador publicado em 2017 na *Sight & Sound* e que é uma excelente apresentação de Khachikian. Dirigiu 37 filmes entre o princípio dos anos 50 e o final dos anos 90, onde há de tudo, melodramas, filmes de guerra, musicais, filmes de terror e comédias. Khachikian, diz Koshbaksht, “trouxe forma e estilo a um cinema nacional desenformado”. Em 1956, altura em que “já tinha desenvolvido uma linguagem própria”, um filme seu, “*Uma Festa no Inferno*”, foi seleccionado para a Berlinale, tornando-se no primeiro filme iraniano presente num dos grandes festivais de cinema internacionais. Foram os anos de maior popularidade de Khachikian, que lhe granjearam a fama de “Hitchcock iraniano” (comparação que se faz mais pela popularidade de realizador-estrela do que pela essência do cinema de Khachikian) e nessa época, conta ainda Koshbaksht, era frequente as estreias dos seus filmes terem tanta procura do público que Teerão ficava com o trânsito automóvel virado do avesso.

Faryade Nimeshab vem dessa época, e foi um grande sucesso, embora não tenha sido uma experiência agradável para Khachikian, que ficou desgostado com a relação com o

produtor Mehdi Misaghie (que Koshbaksht descreve como uma figura “infame”) e a seguir voltou a um regime de independência, com menos meios mas mais liberdade. É espantosa, desde os primeiros planos (a noite, a estrada, o automóvel), a colagem de Khachikian ao cinema americano – podiam ser, nos elementos como na mise en scène, no tipo de enquadramentos e no tipo de montagem, os minutos iniciais de um qualquer “noir” americano dos anos 40 ou 50. As figuras, as personagens, os ambientes, são decalcados desse mundo, com alguns condimentos mais típicos da cultura iraniana (a música e as canções, por exemplo), para um retrato de uma Teerão muito “underground” e muito “noir” que é, citando Koshbaksht, “em parte documento e em parte fantasia”. Também por isso, na maneira como incorpora, quase fetichisticamente, tantos elementos do cinema americano e da cultura americana e os transpõe para uma Teerão codificadamente “hollywoodizada”, o nome que nos vem à cabeça não é tanto Hitchcock mas Jean-Pierre Melville, que na mesma altura começava a sobrepor às paisagens das cidades francesas um manto completamente americanizado.

Faryade Nimeshab é um conto áspero, violento, com um ritmo diabólico e um negrume – literal e espiritualmente – que pede meças ao dos seus modelos americanos. E se for preciso isolar do conjunto do filme uma cena que afirme – espectacularmente - o talento de Khachikian para a mise en scène, ficávamos com aquele plano que precede o final, com um “travelling” para trás a descobrir o cenário da sala, os cadáveres e as notas espalhadas pelo chão (é um final digno duma novela de James M. Cain), e depois o ligeiro movimento ascendente de grua que vem definitivamente compor o retrato da desolação moral a que todo o filme, inexoravelmente, conduz.

Luís Miguel Oliveira